

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Outras formas de sensibilidade urbana na Campinas dos anos 1960

MARIA SÍLVIA DUARTE HADLER*¹

A cidade de Campinas, SP, vivenciou um processo de rápidas modificações da paisagem urbana, principalmente entre os anos finais da década de 1950 e década de 1960. O Plano de Melhoramentos Urbanos, idealizado na década de 1930, será concretizado de forma mais incisiva a partir da segunda metade da década de 1950, com a definição de ruas a serem alargadas, construções a serem demolidas, com abertura de avenidas centrais e perimetrais. Em meio a uma intensificação do processo de demolições, construções e verticalização das áreas centrais, observa-se a instalação progressiva de outra temporalidade numa paisagem urbana que passa a ser mais intensamente marcada pelos ritmos mais acelerados dos automóveis.

A década de 1960 assistiu, paulatinamente, à retirada dos bondes de circulação, ocorrendo sua eliminação definitiva do espaço urbano em maio de 1968. Podemos dizer que este período vivencia uma tensão entre diferentes temporalidades inscritas no espaço urbano, uma tensão entre diferentes maneiras de viver e sentir a cidade.

O processo de construção e inauguração em janeiro de 1963 do Viaduto Miguel Vicente Cury constitui uma situação emblemática do período. A celebração do progresso técnico representado pelo Viaduto diluía e mascarava o drama humano de que se revestiu este processo, sobretudo no que se refere às inúmeras desapropriações e demolições de moradias de famílias mais desfavorecidas.

Na descaracterização em curso da paisagem urbana, suportes diversos de memória são perdidos. Uma outra estética urbana está sendo construída. A verticalização acentuada no centro urbano aponta para uma maior amplitude das atividades comerciais e bancárias. As

*pesquisadora no Centro de Memória-Unicamp, doutora em Educação, Unicamp.

intervenções urbanísticas asseguram uma melhor circulação de veículos, de pessoas e de mercadorias. Podemos afirmar, portanto, que estamos diante de um processo intenso de redefinições das relações sociais no âmbito do espaço urbano, bem como de redefinições das relações das pessoas com os diversos lugares da cidade.

Observa-se, nos jornais locais, uma valorização crescente da linguagem da verticalização, um certo encantamento mesmo com os “arranha-céus” que “desafiavam as alturas”. O discurso do “progresso”, do “moderno” concebido tanto como ruas e avenidas largas, margeadas por prédios altos, quanto como avanço industrial e tecnológico impõe-se de forma regular aos leitores de suas páginas.

De alguma forma, a imposição paulatina da cidade pautada pelos ritmos mais acelerados dos automóveis vai tornando menos nítida a presença de diversas outras histórias e memórias no cenário urbano. Estão sendo criadas condições de se estar cada vez mais de passagem por diferentes lugares da cidade, de circulação cada vez mais rápida pelo espaço urbano ao se percorrer de automóvel as novas avenidas e ruas alargadas.

Podemos dizer que há indícios diversos de um processo de desvalorização de formas de sentir e se relacionar com a cidade mais afinados, também, com os ritmos dos bondes que, por muitas décadas, circularam pelas ruas.

Aproximemo-nos, então, de algumas formas de sensibilidade que parecem marcar a apreensão do urbano neste momento da história da cidade de Campinas.

Circulando pela cidade na companhia de um fotógrafo amador

Imagens produzidas neste período por fotógrafos, sejam eles amadores ou profissionais, fornecem uma espécie de crônica visual da cidade. A fotografia produz uma certa visualidade, cria e veicula um imaginário específico. As imagens fotográficas constroem uma certa memória da cidade, e passam, sobretudo, a ser mediadoras entre os indivíduos e sua memória, entre a cidade e seus leitores visuais (POSSAMAI,2008).

Tomemos um conjunto de imagens produzidas por um fotógrafo amador, José Gomes Guarnieri, um executivo que percorria a cidade em seus momentos livres do trabalho, registrando diversos aspectos das transformações que estavam se operando na paisagem urbana. O conjunto de 146 fotos, encontradas no CMU, datam do período 1956-1970 – boa parte tiradas entre 1958 e 1963 - e abarcam demolições, alargamento de ruas, a construção do

Viaduto Miguel Vicente Cury, a abertura da estrada para o aeroporto de Viracopos. O olhar deste fotógrafo parece expressar o envolvimento com o processo de modernização acelerada por que passa a cidade.

Inúmeros registros são feitos de etapas da construção do Viaduto. Finalizada a construção, o fotógrafo Guarnieri parece querer colocar em relevo os aspectos da obra que possivelmente o impressionaram. Uma foto tirada do alto mostra o desenho elíptico que as pistas do viaduto formam.



Imagem1- José Gomes Guarnieri. [Vista parcial, Campinas, SP, 1963]. Fundo JGG – CMU

Outra imagem ressalta um trecho de uma pista que sobe, destacando os pilares de sustentação.



imagem 2 - José Gomes Guarnieri. [Viaduto Miguel Vicente Cury, Campinas, SP, 1963?]. Fundo JGG – CMU

De um outro ângulo, podemos observar novamente as colunas que sustentam as pistas elevadas. Em outra foto, centrada no corrimão de uma pista, Guarnieri parece querer registrar

cuidadosamente o desenho sinuoso formado por ela.



Imagem 3 - José Gomes Guarnieri. [Viaduto Miguel Vicente Cury, Campinas, SP, 1963?]. Fundo JGG – CMU

Mais à frente, são colocados em evidência dois trechos de pistas que estão paralelas, cada uma em um sentido, com a cidade em seus edifícios mais altos ao fundo, fechando a composição da foto.



imagem 4- José Gomes Guarnieri. [Viaduto Miguel Vicente Cury, Campinas, SP, 1963]. Fundo JGG– CMU

Esta sequência de fotos nos sugere um olhar de admiração pela obra, um possível interesse de evidenciar os aspectos técnicos da construção, uma admiração, talvez, pelo que era considerado, nas páginas da imprensa local, uma obra de engenharia avançada.

O jardim com o Lago dos Cisnes no interior do viaduto recebe diversas vezes a atenção deste fotógrafo, que parece partilhar com seus contemporâneos um certo encantamento com esta tentativa de recriação de um espaço natural romantizado em meio ao asfalto.



imagem5- José Gomes Guarnieri. [Lago dos Cisnes, Campinas, SP, 1963?]. Fundo JGG – CMU

Em diversas fotos do Viaduto, em que ele é o principal personagem, a cidade com seus diversos prédios fecha a imagem. Temos uma sugestão recorrente de uma relação mais estreita entre o moderno viaduto e a acelerada verticalização que vem marcando a fisionomia da cidade.

Nos enquadramentos escolhidos por Guarnieri parecem ter sido selecionados, portanto, elementos tidos como modernos da paisagem urbana. Um olhar sensível a uma estética urbana que valoriza a linguagem da verticalização, das técnicas avançadas de engenharia, dos automóveis. Um olhar que parece solidário ao ritmo acelerado do processo de modernização que atravessa a cidade neste momento.

Guarnieri se interessa em registrar o alargamento de diversas ruas, o que faz parte do processo de implantação do novo sistema viário que está alterando a feição do centro da cidade. Muitas demolições são tema de suas fotos.

O alargamento da rua Francisco Glicério, transformada na principal avenida do centro urbano, recebe uma atenção especial do fotógrafo. São inúmeras fotos focalizando a avenida em movimento. Sugerem um olhar entusiasmado com o novo momento vivido pela cidade. A Glicério nos é trazida com um tráfego intenso, margeado por edifícios altos, sempre carregada

de muitos automóveis e também ônibus. De vários ângulos, sempre o movimento – trânsito e os prédios altos, pessoas andando apressadas pelas calçadas e fachadas de casas comerciais. Guarnieri parece querer registrar os sinais do progresso desta cidade que se quer moderna, num provável diálogo com as imagens de progresso alardeadas cotidianamente pela imprensa local.



imagem 6- José Gomes Guarnieri. [Avenida Francisco Glicério, Campinas, SP, entre 1957 e 1962].
Fundo JGG – CMU

Continuando a seguir os passos deste fotógrafo pelas ruas da cidade, o que mais vemos retratado?

Podemos perceber que seu olhar sugere um encantamento ou, ao menos, um respeito quase solene às modernas edificações que vão tomando conta do espaço das ruas do centro da cidade. Assim, o Forum municipal e o prédio dos Correios e Telégrafos aparecem solitários num enquadramento frontal, mostrando que naquele momento a opção foi de registrá-los em sua imponência e singularidade.

A rua Conceição, importante rua comercial do centro da cidade, é fotografada diversas vezes. Em todas as fotos são registrados estabelecimentos comerciais, edifícios de apartamentos, muitos automóveis estacionados e outros circulando. A Barão de Jaguará, outrora a rua mais importante e sofisticada do centro, é flagrada diversas vezes em noite bastante movimentada e iluminada, com muitas pessoas nos dois lados da rua, carros passando, outros estacionados.

Interessante notar que em todo o conjunto de fotos de Guarnieri não há registro de bondes passando. A maior parte destas fotos foi tirada, com certeza, antes da retirada definitiva dos bondes de circulação em 1968. Portadores de outros ritmos urbanos, os bondes estavam sendo vistos neste momento como obsoletos, inconvenientes, responsáveis por atravancar o trânsito, atrapalhando a livre movimentação dos automóveis. Podemos sugerir que Guarnieri era um entusiasta convicto da nova temporalidade urbana que estava se tornando hegemônica ao longo da década de 1960.

Outras percepções da cidade

As imagens sobre a cidade moderna que se expande sob o ritmo vertiginoso do progresso, veiculadas por diferentes órgãos da imprensa, circulam entre os diversos tipos de leitores de suas páginas, conferindo critérios de percepção do que ocorre na cidade e oferecendo parâmetros de interpretação do momento vivenciado por seus habitantes.

As transformações do espaço urbano oferecem suporte material para as imagens que vão sendo produzidas sobre esses momentos da história da cidade. A forma como o espaço urbano se apresenta organizado nestes momentos da modernidade em Campinas nos remete a pensar nas condições que estes momentos criam para as experiências/vivências urbanas dos diferentes grupos sociais. As imagens das demolições, das novas construções modernas, do alargamento das ruas, da intensa verticalização nas áreas mais centrais da cidade, do amplo crescimento horizontal em direção às periferias, das muitas avenidas, vias expressas, viadutos, com automóveis e ônibus tomando cada vez mais as ruas da cidade, compõem um conjunto de elementos que interferem na constituição do que seja a experiência urbana naquele momento. Repetitivamente, as concepções de moderno e de progresso, veiculadas cotidianamente pela imprensa local, são associadas ao desenvolvimento técnico, à verticalização, à presença de muitos automóveis e, portanto, à ideia de movimento e de velocidade. Cotidianamente agem no sentido de uma educação do olhar, na conformação de uma forma de percepção e apreensão da cidade.

Em meio a este cenário urbano, podemos flagrar certas formas de sensibilidade e de sociabilidade urbanas que expressam determinadas formas de leitura da cidade. Trazemos, aqui, alguns exemplos sugestivos de diferentes percepções do momento em que se vive. Encontramos num jornal estudantil de um colégio – O Coruja (nov. de 1969) - esta produção de um jovem estudante de ensino médio, intitulada por ele de “Um diálogo”:

“E – Querida, chegamos!

A – Chegamos onde?

E – No futuro, oras! Não era o que tínhamos combinado?

A – Mas é tudo tão estranho, incompreensível, não sei porquê!

E – Isso é o futuro. Ligue-se a ele e desligue-se do passado.

A – Você está vendo aquele robô?

E – Ei, robô, quem é você?

R – Eu não sou, apenas represento o futuro.

E e A – Como andam os sentimentos atualmente?

R – Os homens perderam o coração em algum lugar do passado. O amor já foi abolido. Não existem filhos, apenas novos robôs de carne e osso.

E – (pensando) – Descartes à última consequência!

A – Quer dizer, então, robô, que os sentimentos não existem mais?

R – Sem dúvida, e a senhora está vendo os resultados: homens e mulheres hoje vivem pensando. São máquinas que fazem o que resta do amor.

A – Querido, voltemos correndo ao passado.”

Na imaginação claramente romantizada do adolescente, podemos perceber sinais de uma percepção crítica de tendências culturais da época em que estava vivendo. A racionalidade técnica a nortear a construção deste futuro robotizado, em que os sentimentos foram abolidos, uma vez que “os homens perderam o coração em algum lugar do passado”. Uma maior impessoalidade das relações sociais parece estar sendo apontada como um caminho que se oferece ao jovem estudante, e que é recusado por ele através desta produção.

Alguns anos mais tarde, em abril de 1974, “numa visão futurista” da Rua Treze de Maio, o editorial de um jornal alternativo – O Foca (ano IV, 30/04/74) -, realiza um devaneio sobre o futuro desta movimentada rua comercial do centro da cidade:

“Linda. Ampla. Duplas mãos

Funcional

Elegantérrimas lojas

Requintados edifícios

Impressionante centro urbano

Circulação de extraordinários veículos, silenciosos

Local de floridos, verdejantes, artísticos jardins

Tradicional ainda – movimentada sempre

Avenida 13 de Maio:

- uma recordação da então concorrida Estação Fepasa
- uma piedosa lembrança da artística Catedral
- e nem rastros mais do esquipático Viaduto Cury.”

Nesta produção, o jornalista celebra o que visualiza como um futuro moderno para a cidade. A percepção de uma racionalidade técnica e mercadológica, que incomodou o estudante, parece seduzi-lo. O futuro é associado ao movimento incessante, à circulação de veículos, às lojas e prédios requintados. Outra leitura, outros valores urbanos.

Na movimentação ambivalente e contraditória da modernidade, as formas de sensibilidade urbana expressas pelo fotógrafo amador Guarnieri, pelo jovem estudante e pelo jornalista constituem-se, cruzando-se e tensionando o espaço urbano, num processo constante e descontínuo de modulação de maneiras de se relacionar com a vida urbana.

Referências

- BADARÓ, Ricardo de S.C. Campinas, o despontar da modernidade. Campinas: Área de Publicações/ CMU/UNICAMP, 1996.
- BAENINGER, Rosana. Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do polo industrial paulista. Campinas: Área de Publicações/ CMU/UNICAMP, 1996.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas I. Magia e técnica. Arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades do século XIX)”. IN Revista Brasileira de História. SP:ANPUH, v.5, n.8/9, 1985.
- _____ (org). Imagens da cidade: séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH/SP, Marco Zero, FAPESP, 1993.
- _____. Cidade, cidadania e imaginário. In: Imagens Urbanas – os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Souza, C.F., Pesavento, S.J.(orgs.) Pto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.
- CARPINTERO, A.C. Momento de ruptura: as transformações no centro de Campinas na década dos cinquenta. Campinas: Área de Publicações/ CMU/UNICAMP, 1996.
- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880. Tese de doutorado, IFCH, UNICAMP, 1998.
- GAY, Peter. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HADLER, Maria Sílvia Duarte. Trilhos de Modernidade: memórias e educação urbana dos sentidos. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

MONGIN, Olivier. A condição urbana: a cidade na era da globalização. SP: Estação Liberdade, 2009.

PESAVENTO, S.J. O imaginário da cidade – Visões literárias do urbano. 2ª ed. Porto Alegre:Universidade/UFRGS, 2002.

_____. História & História Cultural. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POSSAMAI, Zita. Fotografia e cidade. In: ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte, v.10, n.16, jan-jun2008. Uberlândia, UFU.